

DAVID GRANN

O Diabo e Sherlock Holmes

*Histórias reais de assassinato, loucura
e obsessão*

Tradução
Álvaro Hattnher



Copyright © 2010 by David Grann

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Devil and Sherlock Holmes: Tales of Murder, Madness, and Obsession

Capa

Retina_78

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Isabel Jorge Cury

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Grann, David

O Diabo e Sherlock Holmes : histórias reais de assassinato, loucura e obsessão / David Grann ; tradução Álvaro Hattnher.
— 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: The Devil and Sherlock Holmes : Tales of Murder, Madness, and Obsession.

ISBN 978-85-359-2076-5

1. Artigos jornalísticos — Coletâneas 2. Assassinatos 3. Crimes 4. Jornalismo 5. Mistério 6. Reportagens investigativas 1. Título.

12-02410

CDD-070.442

Índice para catálogo sistemático:

1. Histórias reais de assassinato, loucura e obsessão : Artigos jornalísticos : Coletâneas 070.442

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Apresentação.....	9
PARTE UM..... 11	
Circunstâncias misteriosas	
<i>A estranha morte de um fanático por Sherlock Holmes</i>	13
Julgamento pelo fogo	
<i>O estado do Texas executou um homem inocente?</i>	56
O camaleão	
<i>As muitas vidas de Frédéric Bourdin</i>	113
Para onde ele foi?	
<i>O bombeiro que esqueceu o Onze de Setembro</i>	154
PARTE DOIS..... 173	
O caçador de lulas	
<i>Perseguindo a criatura mais ardilosa do mar</i>	175

Cidade de água <i>Pode um antiquado labirinto de túneis</i>	213
continuar a abastecer Nova York?.....	
O velho e a arma <i>Os segredos de um lendário assaltante.....</i>	253
Roubando o tempo <i>Por que Rickey Henderson não quer parar.....</i>	281
 PARTE TRÊS.....	303
A Irmandade <i>A ascensão da mais perigosa gangue</i>	
<i>de prisão dos Estados Unidos.....</i>	305
Crimetown, Estados Unidos <i>A cidade que se apaixonou pela Máfia.....</i>	348
Um crime verdadeiro <i>O mistério de um assassinato pós-moderno.....</i>	375
Dando ao “diabo” o que lhe é devido <i>O corretor de imóveis que era do esquadrão da morte.....</i>	414
 Nota do autor.....	461
Agradecimentos.....	462

Apresentação

Uma reportagem, assim como o trabalho de detetive, é um processo de eliminação. É preciso reunir e examinar inúmeras versões de uma história até que, tomando emprestada uma frase de Sherlock Holmes, “aquela que sobrar deve ser a verdade”.

Embora Holmes seja o assunto de apenas uma das histórias desta coletânea, sobre a curiosa morte do mais notável especialista em Holmes, todas as doze contêm elementos de mistério. Muitos dos protagonistas são investigadores: um detetive polonês tentando determinar se um autor introduziu pistas de um assassinato real em seu romance pós-moderno; cientistas que estão espreitando um monstro marinho; um trapaceiro que, de repente, desconfia que ele é quem está sendo trapaceado. Mesmo as histórias que parecem estar fora desse universo tratam de algum tipo de mistério: o mundo secreto dos *sandhogs*, os trabalhadores que cavam túneis de água sob a cidade de Nova York ou o enigma de uma estrela do beisebol que envelhece mas continua eterno.

Ao contrário das aventuras de Sherlock Holmes, todas essas histórias são verdadeiras. Os protagonistas são mortais: assim co-

mo o dr. Watson, eles podem ver, mas não necessariamente observam. As peças de seus quebra-cabeças com frequência se mantêm indefiníveis. Suas histórias nem sempre têm um final feliz. Algumas das personagens são levadas ao engodo e ao assassinato. Outras enlouquecem.

Parte do encanto de Holmes é que ele restaura a ordem de um universo envolto em confusão. Mas é a desordem da vida, e a luta humana para compreendê-la, que me atraiu para os temas desta coletânea. Como Holmes certa vez admitiu ao dr. Watson, “se pudéssemos voar por aquela janela de mãos dadas, pairando sobre esta grande cidade, e se delicadamente retirássemos os telhados e espiássemos os estranhos fatos que estão acontecendo, as coincidências, as tramas, os mal-entendidos, as maravilhosas cadeias de acontecimentos, que se interligam há gerações e levam aos mais estranhos resultados, tudo isso tornaria toda a ficção, com suas convenções e conclusões previsíveis, algo insosso e inútil” (“Um caso de identidade”).

Quando comecei a investigar essas histórias, eu pouco sabia sobre elas. Muitas se originaram em nada mais do que uma sugestão perturbadora: uma dica de um amigo, uma menção enterrada no resumo de uma notícia. Enquanto tentava descobrir os fatos e revelar a narrativa oculta, eu às vezes me via confuso por causa de uma pista ou alguma evidência que estivesse faltando. Ainda assim, no final das contas, essas histórias pareciam apresentar, no mínimo, alguns vislumbres da condição humana e o porquê de algumas pessoas se dedicarem ao bem e outras ao mal. Nas palavras de Holmes, “a vida é infinitamente mais estranha do que qualquer coisa que a mente humana possa inventar”.

P ARTE UM

Qualquer verdade é melhor do que a dúvida infinita.

Sherlock Holmes, em “O rosto amarelo”

Circunstâncias misteriosas

A estranha morte de um fanático por Sherlock Holmes

Richard Lancelyn Green, o mais famoso especialista em Sherlock Holmes, acreditava que finalmente tinha resolvido o caso dos papéis desaparecidos. Durante duas décadas, ele procurou um tesouro em cartas, anotações em diários e manuscritos escritos por Sir Arthur Conan Doyle, o criador de Holmes. O arquivo estava avaliado em quase 4 milhões de dólares, e alguns diziam que tinha uma maldição fatal, como aquela na mais famosa história de Holmes, “O cão dos Baskervilles”.

Os papéis tinham desaparecido depois da morte de Conan Doyle em 1930, e sem eles ninguém poderia escrever uma biografia definitiva — uma empreitada que Green estava decidido a completar. Muitos estudiosos temiam que o arquivo tivesse sido jogado fora ou destruído. Como observou o *London Times*, seu paradeiro se tornou “um mistério tão perturbador quanto qualquer um desvendado no número 221B da Baker Street”, o reduto ficcional de Holmes e de seu colega detetive, dr. Watson.

Pouco depois de ter iniciado sua investigação, Green descobriu que um dos cinco filhos de Conan Doyle, Adrian, tinha, com

a anuência dos outros herdeiros, guardado os papéis em um quarto trancado em uma mansão que ele possuía na Suíça. Green então descobriu que Adrian tinha sumido com alguns dos papéis, tirando-os da mansão sem o conhecimento dos irmãos, na esperança de vendê-los para colecionadores. No meio desse plano, ele morreu de ataque cardíaco — o que deu origem à lenda da maldição. Depois da morte de Adrian, os papéis aparentemente desapareceram. E sempre que Green tentou investigar mais a fundo, viu-se enredado em uma teia impenetrável de herdeiros — incluindo uma pretendente princesa russa — que pareciam ter ludibriado e traído uns aos outros em suas tentativas para controlar o arquivo.

Durante anos Green continuou a classificar indícios e entrevistar parentes, até que um dia a confusa trilha levou a Londres — e à porta de Jean Conan Doyle, a filha caçula do autor. Alta e elegante, com cabelos grisalhos, era uma mulher imponente que ainda não chegara aos setenta anos. (“Alguma coisa muito forte e enérgica parece estar por trás daquele corpo pequenino”, o pai tinha escrito sobre Jean quando ela estava com cinco anos. “A determinação dela é tremenda.”) Enquanto o irmão, Adrian, tinha sido expulso da Marinha britânica por insubordinação, e o irmão mais velho, Denis, foi um playboy que passou toda a Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos, ela havia se tornado oficial da RAF, a Força Aérea Real, e foi agraciada em 1963 com o título de comandante da Ordem do Império Britânico.

Ela convidou Green para ir a seu apartamento, onde havia um retrato do pai, com seu bigode de leão-marinho, sobre a lareira. Green se interessava pelo pai dela quase tanto quanto Jean, e ela começou a partilhar suas lembranças e também fotografias familiares. Ela lhe pediu que voltasse outras vezes, e certo dia, conforme Green contou mais tarde a amigos, ela lhe mostrou algumas caixas que tinham sido guardadas no escritório de um ad-

vogado em Londres. Ao examiná-las, disse ele, percebeu que lá estava uma parte do arquivo. Ela o informou que, devido a uma disputa familiar em andamento, ainda não poderia deixar que ele lesse os papéis, mas disse que pretendia doar quase tudo para a British Library, para que os estudiosos pudessem finalmente examiná-los. Depois que ela morreu, em 1997, Green aguardou ansiosamente a transferência do material — mas nada aconteceu.

Então, em março de 2004, Green abriu o *London Sunday Times* e ficou chocado ao ler que o arquivo perdido havia “aparecido” na casa de leilões Christie’s e que seria vendido, em maio, ao preço de milhões de dólares por três parentes distantes de Conan Doyle; em vez de ir para a British Library, o material se dispersaria nas mãos de colecionadores particulares por todo o mundo, que talvez tornassem os documentos inacessíveis para os pesquisadores. Green estava certo de que tinha havido algum erro, e correu até a Christie’s para verificar os papéis.

Ao retornar, contou a amigos que tinha certeza de que muitos papéis eram os mesmos que ele descobrira. Além disso, alegou, eles haviam sido roubados — e ele tinha provas disso.

Nos dias que se seguiram, ele entrou em contato com membros da Sherlock Holmes Society de Londres, um entre centenas de fãs-clubes dedicados ao detetive, do qual Green já fora diretor. Ele alertou outros chamados “sherlockianos”, incluindo diversos integrantes norte-americanos dos Baker Street Irregulars, um grupo exclusivo fundado em 1934 e cujo nome fazia referência aos moleques de rua que Holmes usava regularmente para desentocar informações. Green também contatou “doylianos”, os estudiosos de Conan Doyle mais ortodoxos, a respeito da venda. (À diferença de Green, que transitava entre os dois campos, muitos doylianos se distanciavam dos sherlockianos, que com frequência tratavam Holmes como se ele fosse um detetive real e recusavam-se a mencionar o nome de Conan Doyle.)

Green contou a esses estudiosos o que sabia sobre a procedência do arquivo, revelando o que considerava ser a prova mais condenatória de todas: uma cópia do testamento de Jean Conan Doyle, na qual havia a declaração: “Entrego em doação à British Library todos [...] os papéis originais de meu falecido pai, manuscritos pessoais, diários, agendas e outros escritos”. Determinados a impedir a realização do leilão, o grupo de detetives temporários apresentou o caso para deputados. Perto do final do mês, à medida que a campanha do grupo se intensificava e suas objeções começavam a aparecer na imprensa, Green deu a entender a sua irmã, Priscilla West, que alguém o estava ameaçando. Mais tarde, ele enviou a ela um bilhete misterioso contendo três números de telefone e a mensagem “POR FAVOR MANTENHAM ESTES NÚMEROS EM SEGURANÇA”. Também ligou para um repórter do *London Times* avisando que “alguma coisa poderia lhe acontecer”. Na noite do dia 26 de março, uma sexta-feira, ele jantou com um amigo de longa data, Lawrence Keen, que mais tarde contou que Green lhe havia segredado que “um americano estava tentando acabar com ele”. Depois que os dois saíram do restaurante, Green disse a Keen que eles estavam sendo seguidos e apontou para um carro atrás deles.

Naquela mesma noite, Priscilla West telefonou para o irmão, mas tudo o que conseguiu foi a secretária eletrônica. Ela ligou diversas vezes na manhã seguinte, mas ele não atendeu. Assustada, foi até a casa dele e bateu na porta: não houve resposta. Depois de muitas outras tentativas, ela ligou para a polícia, e, assim que chegaram, os policiais arrombaram a porta. No andar de baixo, encontraram o corpo de Green, deitado em sua cama, cercado por livros e pôsteres de Sherlock Holmes, com um cordão ao redor do pescoço. Ele fora estrangulado.

“Vou lhe expor o caso todo”, disse-me John Gibson, um dos amigos mais íntimos de Green, quando lhe telefonei pouco depois de ficar sabendo da morte de Green. Gibson havia escrito diversos livros com Green, inclusive “My evening with Sherlock Holmes”, uma coletânea de paródias e pastiches de histórias de detetives publicada em 1981. Com uma leve gagueira, Gibson comentou sobre a morte do amigo: “É um mistério absoluto”.

Pouco tempo depois, fui até Great Bookham, uma vila a 45 quilômetros de Londres, onde Gibson mora. Ele estava à minha espera quando desci do trem. Era alto e bastante magro, e tudo nele — os ombros estreitos, o rosto comprido, o cabelo grisalho e desalinhado — parecia estar curvado para a frente, como se estivesse apoiado em uma bengala invisível. “Eu tenho uma pasta para você ver”, disse quando saímos da estação no carro dele. “Como você vai ver, há muitas pistas e muito poucas respostas.”

Ele acelerou através da cidade, passando por uma igreja do século XII e uma fileira de chalés, até parar na frente de uma casa de tijolos vermelhos rodeada de cercas vivas. “Espero que você não se importe com os cachorros”, disse ele. “Tenho dois cocker spaniels. Eu só queria um, mas a pessoa de quem os comprei disse que eles eram inseparáveis, então acabei ficando com os dois, e eles não pararam de brigar desde que vieram para cá.”

Quando abriu a porta da frente, os dois spaniels pularam sobre nós, e depois um sobre o outro. Eles nos seguiram até a sala de estar, que estava lotada com pilhas de livros antigos, algumas chegando até o teto. No meio destas havia uma coleção quase completa da *The Strand Magazine*, na qual as histórias de Holmes foram publicadas em série na virada do século XX. Um único exemplar, que costumava ser vendido por poucos centavos, agora chega a valer quinhentos dólares. “No total, deve haver uns sessenta mil livros aqui”, disse Gibson.

Nós nos sentamos em um sofá e ele abriu sua pasta, espa-

lhando cuidadosamente as páginas à sua volta. “Muito bem, ca-chorrada. Agora não quero que perturbem a gente.” Ele olhou para mim. “Agora vou lhe contar toda a história.”

Gibson disse que havia comparecido à autópsia e fizera anotações minuciosas, e enquanto falava pegou uma lente de aumento que estava a seu lado e examinou diversos pedaços de papel amassado. “Eu escrevo tudo em papeizinhos”, disse ele. A polícia, ele contou, tinha encontrado poucas coisas incomuns na cena do crime. Havia o cordão ao redor do pescoço de Green — um cordão preto de sapato. Havia uma colher de madeira perto da mão dele, e diversos animais empalhados sobre a cama. E havia uma garrafa de gim pela metade.

A polícia não encontrou sinais de arrombamento e supôs que Green tivesse cometido suicídio. No entanto, não encontraram nenhum bilhete, e Sir Colin Berry, o presidente da Academia Britânica de Criminalística, afirmou que, em seus trinta anos de carreira, ele só vira um suicídio por estrangulamento. “Um”, repetiu Gibson. Ele explicou que o autoestrangulamento é muito difícil de executar; as pessoas que tentam fazê-lo desmaiaram antes de ficar asfixiadas. Além do mais, nesse caso não foi usada uma corda grossa, mas um cordão de sapato, o que torna a façanha ainda mais improvável.

Gibson tirou da pasta uma folha de papel com números e a passou para mim. “Dê uma olhada”, disse ele. “Minha conta telefônica.” A lista de ligações mostrava que ele e Green tinham conversado várias vezes durante a semana anterior à sua morte. Se a polícia tivesse se dado ao trabalho de olhar a conta de Green, continuou Gibson, eles sem dúvida veriam que Green tinha ligado para ele poucas horas antes de morrer. “Eu provavelmente fui a última pessoa com quem ele falou”, disse ele. No entanto, a polícia nunca o interrogou.

Durante uma de suas últimas conversas sobre o leilão, Gib-

son lembrou-se, Green havia dito que estava com medo de alguma coisa.

“Você não tem com o que se preocupar”, disse-lhe Gibson.

“Não, eu *estou* preocupado”, disse Green.

“Por quê? Você teme pela sua vida?”

“Sim.”

Gibson disse que, naquele momento, ele não levou a ameaça a sério, mas aconselhou Green a não atender à porta a menos que soubesse ao certo quem era.

Gibson olhou de relance para suas anotações. Havia mais uma coisa, disse ele, algo crucial. Na véspera de sua morte, Green tinha falado ao amigo Keen sobre um “americano” que estava tentando acabar com ele. No dia seguinte, disse Gibson, ele ligou para a casa de Green e ouviu uma estranha mensagem na secretaria eletrônica. “Em vez de ouvir a voz de Richard com seu sotaque de Oxford, que estava na secretaria havia uma década”, lembrou-se Gibson, “eu escutei uma voz americana que disse: ‘Desculpe, não posso atender’. Eu disse: ‘O que diabos está acontecendo aqui?’ Pensei que tivesse discado o número errado. Então disquei de novo, bem devagar dessa vez. Ouvi a voz americana. Eu disse: ‘Jesus Cristo!’.”

Gibson falou que a irmã de Green tinha ouvido a mesma mensagem gravada, o que foi uma das razões de ela ter ido correndo até a casa dele. Gibson me passou muitos outros documentos que tirou da pasta. “Mantenha-os em ordem cronológica”, disse ele. Havia uma cópia do testamento de Jean Conan Doyle, vários recortes de notícias de jornal sobre o leilão, um obituário e um catálogo da Christie’s.

Isso era basicamente o que ele tinha. A polícia, disse Gibson, não havia realizado nenhum exame de criminalística nem tinha procurado impressões digitais. E o legista — que certa vez comparecera a uma reunião da Sherlock Holmes Society para realizar

a simulação da autópsia do assassinato de uma história de Conan Doyle na qual um cadáver é descoberto em um quarto trancado — se viu impedido de fazer qualquer coisa. Gibson disse que o legista tinha notado que não existiam indícios suficientes para ter certeza sobre o que havia acontecido e, em consequência disso, o veredito oficial a respeito do suicídio ou assassinato de Green foi deixado em aberto.

Poucas horas depois da morte de Green, os sherlockianos tomaram conta do mistério, como se fosse mais um caso do cânone do detetive. Em uma sala de bate-papo na internet, uma pessoa, que se autodenominava “o inspetor”, escreveu: “No que diz respeito à questão de autoestrangulamento, é como tentar se sufocar até a morte com as próprias mãos”. Outros evocaram a “maldição”, como se apenas o sobrenatural pudesse fornecer uma explicação. Gibson me passou um artigo de um tabloide britânico cuja manchete principal era: “MALDIÇÃO DE CONAN DOYLE ATINGE ESPECIALISTA EM SHERLOCK HOLMES”.

“Então, o que você acha?”, perguntou Gibson.

“Não sei”, respondi.

Mais tarde voltamos a analisar os indícios. Perguntei a Gibson se ele sabia de quem eram os números de telefone que Green tinha mandado à irmã.

Gibson fez que não com a cabeça. “Não apareceu nada sobre isso na investigação”, disse ele.

“E quanto à voz americana na secretaria eletrônica?”, perguntei. “Nós sabemos de quem é?”

“Infelizmente não. Para mim, esse é o indício mais estranho e mais revelador. Foi Richard quem gravou aquilo na secretaria? O que ele estava tentando nos dizer? Foi o assassino quem gravou? E, se foi, por que faria isso?”

Perguntei-lhe se Green alguma vez tinha demonstrado qualquer tipo de comportamento irracional.